

## GEOGRAFIA E LINGÜÍSTICA: SUGESTÃO PARA O ENSINO \*

ERASMO D' ALMEIDA MAGALHÃES  
(Sócio Cooperador da S.R.S.P. da A.C.B.)

*Este trabalho deve ser considerado como notas esparsas tiradas de um trabalho em andamento sobre Geografia Lingüística, nos moldes preconizados pela moderna Lingüística e Antropologia Lingüística, realizado entre as populações do litoral paulista, intitulado "O linguajar do caiçara".*

No rol da extensa bibliografia que cuida da didática da Geografia não são poucos os trabalhos que versam sobre os programas dos diversos graus de ensino. Dentre eles, os que nos parecem mais difíceis de serem formulados e colocados em prática são os de Geografia Humana, dadas as possibilidades de invasão de outros campos científicos como sejam, os da sociologia, da antropologia, etnografia, da economia e, porque não dizer, da história.

Os estudiosos do assunto são acordes quanto à necessidade de estabelecimento de uma "unidade didática" sem o que resultam dados sem conexão o que contraria o espírito de síntese próprio da moderna Geografia. Itens como *Alimentação*, *Habitação*, *Línguas* e *Religiões* figuram nos programas e são comumente apresentados em aula como elementos isolados e não como integrantes de um todo cultural. O relacionamento com o ambiente físico e social deve ser sempre considerado, possibilitando inclusive melhor compreensão. Foi este motivo que nos levou a escrever o presente e despretencioso artigo, sendo que nos interessaremos tão somente pelo item *Línguas*, e, assim faremos pequenas digressões acerca das inter-relações da língua com o meio físico, economia e colonização.

Ao tratar do item *População* quase todos os programas apresentam uma sub-unidade *Línguas*, aliada ou não a *Religiões*, que ao nosso ver, merece um tratamento diferente ao que lhe é geralmente dado. Regularmente recomenda-se o estudo da distribuição espacial dos diversos idiomas levando em conta principalmente as

---

(\*) — Trabalho entregue em agosto de 1966.

diferentes classificações lingüísticas existentes: genética, tipológica e geográfica (1). Levaríamos nossas considerações a um exagêro afirmando que a distribuição espacial não deva ser ventilada, mas para nós só deve vir à baila como elemento ou informação subsidiária. Deve-se evitar sempre a Geografia enumerativa, mui condenada, e que no tema em pauta torna-se deveras cansativa. Há necessidade de serem procurados recursos didáticos para que tão árduo e árido assunto seja cada vez mais atraente. A colaboração interdisciplinar com professores de línguas em muito auxiliará a tarefa do professor de Geografia.

Sabe-se que a evolução das línguas, e da linguagem em particular, está sujeita a inúmeras influências e entre elas, direta ou indiretamente, às de ordem geográfica (2). Diante de tal fato por que não estudá-las? Por que ater-se apenas às classificações? Não se pode também chegar ao extremo de pretender o ensino de noções de lingüística, que além de atentar contra o espírito da disciplina não está ao alcance dos adolescentes.

Dos autores que trataram da influência do ambiente físico sobre a língua, alguns afirmam que ela se faz presente no plano da fonética e da morfologia. Dizem "que uma comunidade habitando regiões montanhosas, ou sob condições tendentes a tornar difícil a luta pela existência, desenvolve formas lingüísticas acústicamente ásperas, enquanto os que a natureza favorece mais, usam sistemas fonéticos relativamente mais suaves. Tal teoria pode ser contestada" (3). Assim, além de incorrer no êrro do juízo valorativo, pois até que ponto pode-se dizer que uma língua é mais ou menos acústica que outra, teríamos uma pronunciada diversidade fonética entre os falares de duas regiões nordestinas, o sertão e a zona da mata. E mais, tal diversidade seria flagrante ao contrapormos o linguajar da ilha dos Búzios (litoral norte do Estado de S. Paulo) com o de Icapara (município de Iguape).

---

(1) — Séria restrição a esta classificação é feita por Mattoso Câmara: "A classificação não depende de fatores geográficos, porque o idioma não é produto da terra". *Princípios de Lingüística Geral*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1959 — p. 365.

(2) — Para Guido Bertoni a "investigação dos centros de propagação ou de irradiação de vocábulos e fenômenos" faz com que os estudos de Lingüística transformem-se em estudos de Geografia Humana" *Introdução à Filologia*. Lisboa, Livraria Clássica, 1943 — p. 58.

(3) — Edward Sapir — *Lingüística como Ciência*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1961 — p. 52.

Ainda com Sapir, é válida a assertiva de que “o léxico é o que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes” ao que juntamos, dizendo que o mesmo se dá em relação a uma grande série de provérbios.

O problema da água no interior nordestino é bem um reflexo dessa influência. Passemos a dois exemplos. Comumente em áreas onde há pluviosidade regular, não existindo portanto problemas quanto ao abastecimento de água, as acumulações do líquido recebem quando muito duas denominações: tanque e represa. Ao invés, no polígono das secas, levando em conta a área abrangida pela acumulação, teremos, em ordem crescente, *ambó*, *barreiro*, *açudeco* e *açude*. A importância das chuvas pode ser inferida do provérbio “*chover no roçado*”, significando realização por alguém de negócios vantajosos, provérbio este cuja extensão ao nosso ver não ultrapassa a zona da caatinga.

A terminologia precisa, usada para o mar por pescadores litorâneos, vem reafirmar a veracidade da teoria do lingüísta americano. *Marinha*, ponto de contato entre o mar e a terra firme, local de arrebentação; *mar novo*, próximo à costa onde é importante a pesca de subsistência; *mar de fora*, local relativamente distante, onde a pesca comercial começa a ter importância; *oceano*, alto mar, que permite somente a navegação de médias e grandes embarcações (4).

Afora isso, não se pode esquecer a grande série de nomes dados aos diferentes estados do mar.

Inúmeras vezes o isolamento de uma comunidade, devido a uma barreira de ordem física, pode ocasionar a persistência de arcaísmos. Assim é que, em não poucos povoados e lugarejos brasileiros vamos encontrar vocábulos comuns aos falares brasileiros e portugueses dos séculos XVI e XVII, ainda aqui usados com frequência e não mais conhecidos da grande maioria do povo português.

A simples separação geográfica é o fator mais geral da diversidade lingüística, regra esta que pode ser facilmente aplicada quando do estudo comparativo da língua falada no Brasil e em Portugal. Como são frequentes as divergências fonéticas e vocabuladas urge que se diga português do Brasil e português de Portugal.

Uma atividade econômica especializada permite o desenvolvimento de um rico léxico profissional, ou língua profissional no dizer de Karl Vossler, bem como vai se refletir em modos de expressão.

---

(4) — Vocábulos colhidos em nossas pesquisas sobre o linguajar caíçara.

A pecuária é uma das testemunhas desta asserção. As denominações dadas aos animais em relação à cor do pêlo, idade, condições de adestramento remontam a dezenas.

Carlos Feitosa ao estudar a manufatura da sela no interior cearense, encontrou uma especificação minuciosa para as partes da cabeçada que, juntamente com a rédea, compõem a brida, ou seja *cachaceira, testeira, ciscola, buçal, focinheira, travessão*.

Um curioso testemunho da importância da atividade econômica de uma área, no caso produção de vinho nos distritos de Aveiro e Coimbra, são as expressões encontradas para embriagado: *estar bêbado, estar êbrio, estar entorçado, estar esquinado, estar borrachão, estar tachado, estar que nem um cacho, estar com um grão na aza, é uma grande cuba, estar com o vinho, apanhar uma torcida*, e assim por diante <sup>(5)</sup>.

Constantino Medeiros em seu "linguajar de boiadeiro" <sup>(6)</sup> nos diz: "Na região serrana em Santa Catarina, onde avulta a criação de gado vacum, o nome *Touro* entre boiadeiros e habitantes destas regiões não é, somente, usado para designar o boi que não foi castrado, ou o reprodutor do rebanho. É também o sinônimo mais comum de homem valente, destemido e lutador. *Terneiro* sabemos que se trata duma pessoa inexperiente. *Garraio* representa um homem sem méritos, sem boas qualidades. *Vaca*, como sinônimo de vilão e afeminado, mulher grosseira". É mais um caso típico de projeção de atividade econômica em um determinado linguajar.

Sucessivas correntes de povoamento podem provocar intercâmbio de natureza lingüística, seja pela superposição de idiomas seja pela adoção de novo sistema econômico, surgindo em decorrência modismos e empréstimos vocabulares. Mas, no Brasil muitos destes fatos lingüísticos tendem a desaparecer graças ao maior contacto entre diferentes grupos humanos, resultado principalmente do constante desenvolvimento das vias de comunicação e a difusão de uma língua, a que chamaríamos de "língua padrão", por parte do rádio, cinema, televisão e jornais.

A língua portuguesa em diferentes partes do território brasileiro "espelha no seu patrimônio lexical e, não raro, em outros elementos os múltiplos contatos que o povo que a fala com as diversas nações do mundo" <sup>(7)</sup>

(5) — Angela de Sousa Oliveira — "A cultura da vinha na Bairrada". Revista Brasileira de Filologia, vol. 6, t.I. Rio de Janeiro, 1961 — p. 131.

(6) — Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, ano VI, n. 22, Florianópolis, 1956 — p. 28.

(7) — Teodoro H. Maurer Jr. — A lingüística e a gramática. Jornal de Filologia, vol I, n. 32, São Paulo, 1958 — p. 103.

Ao analisarmos o português falado em S. Paulo, mórmente por certas camadas da população, deparamos com expressões como: *a pagamento, assim grande, deixar* (com sentido de permitir), *escachar, pegar uma praia, passar daqui, venho lá, somos em três*, que revelam-se sem dúvida como italianismos.

Carlos H. Oberacker Jr. (8) mostra como os alemães em Santa Catarina e R. Grande do Sul frente a um nôvo sistema econômico acabaram por adotar palavras portuguesas e indígenas adaptando-as à língua de origem. Exemplifica com *Fasende* (fazenda), *Fasendehr* (fazendeiro), *Stanz* (estância), *Scharkeade* (chaqueada), *Schakra e Schacker* (chácara), *Gransche* (granja), etc.

Ao chegar ao Brasil o colonizador português, diante de um meio físico diferente daquele de sua origem, viu-se na contingência de adotar as mesmas técnicas dos selvícolas para obtenção de produtos de subsistência. Ao empréstimo cultural seguiu-se de perto o empréstimo vocabular muito flagrante no cultivo e preparo da mandioca.

Para seu plantio, muito rudimentar, basta enterrar no solo previamente preparado uma pequena haste da Euforbiácea a que se dá o nome de *maniva* ou *manaíba*. Para o preparo da farinha, de grande importância entre os utensílios são os *tipitis de taquara*, nos quais é colocada a massa para livrá-la da *manipuera*, caldo venenoso.

Fastidioso seria a enumeração de um maior número de exemplos. Os que aqui usamos, poderão servir de roteiro para os colegas que desejarem seguir nossa indicação e, quem sabe, usá-los e enriquecê-los, usando de melhor experiência.

A bibliografia final deve ser tomada como colaboração do autor para com os menos versados no tema.

(8) — "Transformações da língua alemã no Brasil" — Rev. de Antropologia, vol. 5, n. 1, São Paulo, 1957 — p. 17.

#### TRABALHOS A CONSULTAR

AMARAL, AMADEU — *O Dialeto Caiçara*. São Paulo, Ed. Enhembi, 1955. 195 pág.

BOAS, FRANZ — "Rasa, lenguaje y cultura" in *Cuestiones Fundamentales de Antropología Cultural*. Buenos Aires, Ed. Lautano, 1947 - p. 143-154.

BOSSMANN, REINHOLD — *Do Linguajar Teuto-Brasileiro*. Jornal de Filologia, vol. II, fasc. 2, p. 134-149. São Paulo, 1954.

- BUENO, FRANCISCO SILVEIRA — *Influência Italiana na Fala de São Paulo*.  
Jornal de Filologia, vol. I, n. 1, p. 3-16. São Paulo, 1953.  
*O Dialeto Paulista* — Jornal de Filologia, vol. IV, fasc. 3-4, p. 2-42. São Paulo, 1958.
- CÂMARA JR., JOAQUIM MATTOSO — “Empréstimo e sua amplitude” e  
“Aspectos lingüísticos e sociais do empréstimo” in *Princípios de Lingüística Geral*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1959, p. 307-351.
- CASTRO, AMÉRICO — *O Papiamento de Curaçau*. Jornal de Filologia, vol. IV, fasc. 1, p. 53-60. São Paulo, 1956.
- JÚLIO, SILVIO — *Literatura, Folclore e Lingüística da Área Gauchesca do Brasil*. Rio de Janeiro, Coelho Branco Ed., 1962, 438 pág.
- KROEBER, A. L. — “El lenguaje” in *Antropologia General*. México, Fondo de Cultura Economica, 1945, p. 103-149.
- MEILLET, ANTOINE E COHEN, MARCEL — *Les Langues du Monde*. Paris, H. Champion, 1952, 1294 p.
- NASCENTES, ANTENOR — “O falar brasileiro” e “Posição do linguajar brasileiro no conjunto do falar brasileiro” in *O Linguajar Carioca*. Rio de Janeiro, Organização Simões, 1953, p. 9-26.
- SAPIR, EDWARD — “Língua e ambiente” in *Lingüística como Ciência*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1961, p. 43-62.  
“Como as línguas se influenciam entre si” e “Língua, raça e cultura” in *a Linguagem, Introdução ao Estudo da Fala*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1954, p. 199-216.
- SAUSSURE, FERDINAND DE — “Lingüística geográfica” in *Curso de Lingüística General*. Buenos Aires, Ed. Losada, 1955, p. 305-336.
- SCHADEN, EGON — *Aculturação Lingüística numa comunidade rural*. Jornal de Filologia, vol. I, n. 1, p. 29-44. São Paulo, 1953.
- SILVA NETO, SERAFIM DA — *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1963, 273 pág.